

# EM TORNO DE «O DELFIM» DE CARDOSO PIRES

No silêncio suspenso, a voz do homem atingia o homem. Rui de Carvalho fazia a leitura de algumas das páginas de «O Delfim», romance de Cardoso Pires, para a apresentação do qual a Livraria Moraes oferecia um «cocktail» no átrio do Teatro Villaret.

Num ambiente diferente do habitual nestas reuniões, as pessoas encontraram-se e falaram umas com as outras naquela sed. de encontro e amizade que a vida de hoje nos obriga diariamente a encobrir.

«No café, um ciclista volta o forro das algibeiras: saem penachos de vapor de cada bolso. Viúvas-de-vivos passam a correr, fumegando — as saias e os seios fumegando; um calor activo escoá-se-lhes das virilhas,

da secreta boca do corpo, espraçando-se pelo ventre e pelos braços num tremular branco e contínuo.»

Tocadas pela voz do actor, as pessoas entregavam-se pouco a pouco, aderiam ao clima tenso, fascinante; mansamente eram envolvidas, mansamente foram empurradas para uma realidade gritante que os desarrumava do sorriso e da calma do ambiente, enquanto a tarde descia sobre as coisas, devolvida pelo seu vento. E quando o silêncio tombou, acabada a leitura, as palmas nasceram difíceis e incertas das pessoas ainda mergulhadas naquele outro mundo que «O Delfim» lhes entregara. As mulheres

moveram-se então, ágeis nos seus fatos soltos de Verão numa tentativa de libertação e os homens falaram mais alto a encobrir porventura o eco de alguma palavra esquecida, talvez a escapar do romance, à mistura com o elmo gigantesco dos cartazes colados nos vidros brilhantes das portas ou suspensos do tecto baixo a moverem-se lentamente, obsessivamente sobre as cabeças desalinlhadas, em movimento constante.

José Cardoso Pires recebia, com o seu sorriso aberto, aquela homenagem que lhe ofereciam sinceramente, numa tentativa de solidariedade. De grupo para grupo ele retribuía com uma presença clara, sã, a presença dos amigos.

Havia, porém, nos rostos, encoberta, a habitual marca do cansaço, o cansaço que os dias acumulam e que se tenta distrair, ao qual se tenta fugir em vez de combater.

Nos copos, os dedos tinham um significado diferente, à mistura com a cor amarelada dos sumos, ou o tom amarelecido do vinho. E se o riso subia a ganhar a boca de alguém, para deslizar livre sobre o ruído das conversas, logo se encontrava um olhar perdido, inevitavelmente triste.

Ao fundo da sala, dois cavaflos de pasta, coloridos e emplumados, fitavam com o seu olhar vazio de cartolina raída, as coisas e os gestos, adivinhando-lhes um significado, um motivo.

**ACABA DE SAIR A 8.ª EDIÇÃO**  
**ATLAS DO MUNDO 20\$00**  
**ECONÓMICO E POLÍTICO**

Edição actualizada. Medida 22×27 — 24 páginas impressas a 8 cores. Capa de cartolina, 26 mapas diversos com as recentes fronteiras e páginas de texto indicado a economia mundial, as populações de todos os países e Ultramar Português, pelo recente recenseamento; principais montanhas, rios, túneis e vulcões de todo Mundo; dimensões da Terra, Sol e Lua, superfícies e profundidades dos mares; as principais raças humanas, religiões e línguas, etc.

Envie o seu pedido em carta com letra bem legível, incluindo o valor em selos do correio, a:

**E. FIGUEIREDO - RUA DE S. MARÇAL, 3, 1.ª LISBOA - 2**

(Não se fazem envios à cobrança nem se aceitam selos do Ultramar)